

Economia, tanto mais se aprende mais se equivoca

Brasil

José Monir Nasser (*)



Provavelmente nunca se discutiu tanto a economia em um país como no Brasil contemporâneo. Os debates públicos que precederam à implantação do Plano Cruzado são inimagináveis em um país como, por exemplo, os Estados Unidos. Tanto mais se discute, tanto mais se aprende. E muito mais se equivoca. Na verdade, o pecado mais significativo tem sido uma irremediável confusão entre a geometria do possível e a metafísica do desejável.

Os publicitários (quase todos) aprendem a não notar negativamente, isto é, não acasalar o produto com algum defeito ou situação negativa. Fazem isso porque sabem que o ser humano é desiderativo por natureza. Somos todos vítimas da Síndrome do Paraíso Perdido: uma irresistível compulsão à prosperidade sem trabalho, ao sucesso sem esforço, ao reinado pleno do desejável em detrimento da calistênica do possível. E é justa-

mente por isso que se caíam mais singelas esparrelas intelectuais quando se trata de compreender a economia do País.

O primeiro terreno pantanoso é a compreensão da dimensão da moeda. Nada mais difícil. É preciso entender que o instrumento chamado dinheiro é acometido de esquizofrenia funcional toda vez que a sociedade o destaca do lastro chamado trabalho. O dinheiro enlouquece. Funciona em torno de suas próprias leis. Deixa de criar riquezas. Não lubrifica mais o sistema produtivo. Por exemplo, o governo federal conseguiu concentrar em si toda a liquidez (leia-se dinheiro) da sociedade. A ciranda financeira é justamente a maciça migração da moeda para a LBC.

Dinheiro nada mais é que uma espécie de cupom de racionamento. Um instrumento de acesso ao estoque de bens e serviços disponíveis no mercado. E o ingresso para o espetáculo. Mas o teatro tem uma quantidade finita de assentos. Mesmo operando com várias sessões. O que as leis de mercado justamente fazem é sinalizar o setor produtivo para que acerte o passo com o ritmo da de-

manda. E verdade, o mercado pode claudicar, mas invariavelmente claudica a passo de valsa.

A revolta contra a exiguidade de oferta — que tem a perna mais curta que a demanda — leva o governo a emitir, para cumprir sua missão social ou resgatar a dívida social (sic, sic mesmo).

Pretere-se o esforço de aumento da oferta via aumento da produtividade econômica pela agradável missão de distribuição de balas. Tão agradável quanto inútil.

Desenvolvimento econômico decorre da alta densidade de inteligência por decisão quadrada. E a remoção da burrice, nas palavras de Milton Friedman.

A confusão mental que reina no País — e, infelizmente, em largos setores da Constituinte — acaba condensando uma série de síndromes colaterais:

• A Síndrome do Decreto-lei — Consiste na ilusão volitiva que pretende estar a solução para os problemas da oferta no bolso do legislador. E o abraçadabra jurídico usual de que, aliás, a Constituinte promete ser a Olimpíada.

• A Síndrome do Bode Expiatório — Esta consiste

na manutenção do plantão permanente da caça às bruxas. A culpa deve estar no mercado. Devem ser os comerciantes, os pecuaristas ou, provavelmente, os banqueiros.

• A Síndrome da Pedra Filosofal — É a alquimia revisitada. Consiste na ação sobre os efeitos para obtenção da solução das causas. A Sunab, por si só, faz o pasto vicejar na entressafra e biotecnologicamente duplica a competência reprodutória das vacas. Parceloso vive.

• A Síndrome de Robin Hood — A mais constante, sobretudo em Brasília, onde há a maior concentração de Robins por superquadra quadrada da América. Consiste na utilização de leis para punir os ricos (que são maus) e proteger os pobres (que são bons), esquecendo que não há capitalismo sem lucro nem capitalismo sem capitalistas. Também não há capitalismo com miséria. E, no Brasil, onde há mais capitalismo menos miséria há.

• A Síndrome do Pinóquio — Essa Consiste em concentrar o esforço de administração da coisa pública nas entranhas das estatísticas, já que a versão sempre tem alta probabilidade

de prevalecer sobre os fatos.

A sociedade brasileira precisa entender que a solução definitiva para os graves problemas que a aflige depende da aceitação dos pressupostos eficazes. Retirar o homem da miséria e a economia do impasse depende diretamente do aumento da produtividade individual (que se faz com escola e esforço), da contenção da natalidade, da diminuição drástica do Estado, do respeito pela moeda, através da contenção tipográfica.

O mundo material é marcado pela escassez. Já foi pior. Em nenhuma outra época da humanidade o globo terrestre poderia sustentar 5 bilhões de homens, mesmo em condições precárias, como hoje.

O receituário para o combate à escassez está na aplicação da inteligência ao trabalho humano.

Só a partir dessa constatação fica o possível mais possível ainda. A partir de um cenário construtivo dentro das possibilidades do sistema podemos entrever melhores dias. Se for possível. Ainda.

(*) Consultor de empresas em Curitiba e ex-professor da Universidade de Joinville.